

DOSSIÊ TEMÁTICO: Vitalidade do sujeito e poder de formação: narrativas autobiográficas em diálogo

A NARRAÇÃO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA FACE AO “PROBLEMA DIFÍCIL” DA EXPERIÊNCIA: ENTRE MEMÓRIA PASSIVA E HISTORICIDADE

THE NARRATION OF THE LIVED EXPERIENCE IN THE FACE OF THE "DIFFICULT PROBLEM" OF EXPERIENCE: BETWEEN PASSIVE MEMORY AND HISTORICITY

LA NARRACIÓN DE LA EXPERIENCIA VIVIDA FRENTE AL "DIFÍCIL PROBLEMA" DE LA EXPERIENCIA: ENTRE LA MEMORIA PASIVA Y LA HISTORICIDAD

LA NARRATION DU VÉCU À L'ÉPREUVE DU « PROBLÈME DIFFICILE » DE L'EXPÉRIENCE : ENTRE MÉMOIRE PASSIVE ET HISTORICITÉ

Hervé Breton

Université de Tours, EA7505 – France

Resumo: Zahavi, num artigo intitulado “Intencionalidade e Fenomenalidade: um Olhar Fenomenológico sobre o ‘Problema Difícil’”, publicado em 2015, questiona as relações dialéticas existentes entre consciência, memória e experiência. O difícil problema da consciência pode ser resumido da seguinte forma: embora seja relativamente simples apreender o conteúdo da experiência, os efeitos experienciais vividos parecem, por outro lado, estar fora do alcance do campo atencional e, conseqüentemente, do trabalho narrativo fundado nas palavras. Uma vez que a experiência é dada para ser vivida de uma forma “apresentacional”, ela é primeiramente vivida e retida passivamente antes de ser apreendida de uma forma reflexiva e compreensível como objeto de pensamento. Esta diferenciação entre “conteúdo da experiência” e “efeitos experienciais experimentados” constitui, segundo o termo proposto por Zahavi, uma “lacuna explicativa”. Ao pensar nas condições para superar esta lacuna no quadro de uma epistemologia da narrativa, este trabalho examina os processos e as temporalidades da transição da experiência para a linguagem, do ponto de vista fenomenológico e biográfico. Questionar as modalidades pelas quais as práticas narrativas participam da expressão em palavras dos conteúdos da experiência (o teórico), mas também dos efeitos experimentados no contato com esses conteúdos (o experiencial), é examinar as possibilidades de expressão das dimensões formativas da experiência, situando-as na interface entre memória, corpo e fala.

Palavras chave: experiência formativa, microfenomenologia, narrativa.

Abstract: Zahavi, in an article entitled "Intentionality and Phenomenality: A Phenomenological Look at the 'Difficult Problem'" published in 2015, questions the dialectical relationships at work between consciousness, memory and experience. The "hard problem" of consciousness can be summarized as follows: while it is relatively simple to apprehend the contents of experience, the experiential effects

experienced seem, on the other hand, to be beyond the reach of the attentional field and, consequently, of narrative work based on putting things into words. Although this differentiation between "content of experience" and "experienced experiential effects" constitutes, according to the term proposed by Zahavi, an " explicative gap ". By thinking about the conditions for overcoming this gap within the framework of an epistemology of narrative, this paper examines the processes and temporalities of the transition from experience to language from a phenomenological and biographical point of view. The paper examines the processes and temporalities of the transition from experience to language from a phenomenological and biographical point of view. To question the modalities by which narrative practices participate in the putting into words of the contents of experience (the thetical), but also of the effects experienced in contact with these contents (the experiential), is to examine the possibilities of expression of the formative dimensions of experience by situating them at the interface of memory, the body, and speech.

Keywords: learning experience, microphenomenology, narration.

Resumen: Zahavi, en un artículo titulado "Intencionalidad y fenomenalidad: una mirada fenomenológica al 'difícil problema'" publicado en 2015, cuestiona las relaciones dialécticas que funcionan entre la conciencia, la memoria y la experiencia. El difícil problema de la conciencia puede resumirse de la siguiente manera: mientras que es relativamente sencillo captar el contenido de la experiencia, los efectos experienciales experimentados parecen estar más allá del alcance del campo de atención y, por consiguiente, del trabajo narrativo basado en la puesta en palabras. Dado que la experiencia se vive de manera "presentacional", primero se vive y se retiene de manera pasiva antes de ser aprehendida de manera reflexiva y comprensible como un objeto de pensamiento. Esta diferenciación entre "contenido de la experiencia" y "efectos experimentales experimentados" constituye, según el término propuesto por Zahavi, una "laguna explicativa". Pensando en las condiciones para superar esta brecha en el marco de una epistemología narrativa, en este trabajo se examinan los procesos y temporalidades de la transición de la experiencia al lenguaje desde un punto de vista fenomenológico y biográfico. Cuestionar las modalidades por las que las prácticas narrativas participan en la puesta en palabras de los contenidos de la experiencia (lo teórico), pero también de los efectos experimentados en contacto con esos contenidos (lo vivencial), es examinar las posibilidades de expresión de las dimensiones formativas de la experiencia situándolas en la interfaz de la memoria, el cuerpo y el habla.

Palabras clave: experiencia formativa, microfenomenología, narración.

Résumé: Zahavi, dans un article intitulé « Intentionnalité et phénoménalité : un regard phénoménologique sur le "problème difficile" » paru en 2015, interroge les rapports dialectiques à l'œuvre entre conscience, mémoire et vécu. Le problème difficile de la conscience peut être résumé ainsi: s'il est relativement simple d'appréhender les contenus de l'expérience, les effets expérimentiels vécus semblent en revanche hors d'atteinte du champ attentionnel, et, par voie de conséquence, au travail narratif fondé sur la mise en mots. L'expérience se donnant à vivre sur un mode « présentationnel », elle en effet d'abord vécue et retenue de manière passive avant d'être appréhendable de manière réfléchie et saisissable en tant qu'objet de pensée. Cette différenciation entre « contenus de l'expérience » et « effets expérimentiels éprouvés » constitue selon le terme proposé par Zahavi, un « fossé explicatif ». En pensant les conditions d'un dépassement de ce fossé dans le cadre d'une épistémologie du narratif, cet article examine les processus et temporalités du passage de l'expérience au langage du point de vue phénoménologique et biographique. S'interroger sur les modalités par lesquelles les pratiques narratives participent de la mise en mots des contenus de l'expérience (le théorique), mais également des effets éprouvés au contact de ces contenus (l'expérientiel), c'est examiner les possibilités d'expression des dimensions formatrices de l'expérience en les situant à l'interface de la mémoire, du corps, et du dire.

Mots clés : expérience formatrice, microphénoménologie, narration.

Introdução

Zahavi, em um artigo publicado em 2015 e intitulado “Intencionalidade e fenomenalidade: um olhar fenomenológico sobre o ‘problema difícil’”, reexamina a distinção feita por Chalmers (1995) ao pensar a consciência e, por extensão, a relação entre o sujeito e sua experiência. O problema difícil da consciência pode ser resumido da seguinte forma: embora seja relativamente simples apreender o conteúdo da experiência, os efeitos experimentados em contato com esta experiência são, por outro lado, “transparentes” para o sujeito. A experiência é vivida em um modo “apresentável”. Ela é vivida antes de ser captada pelo pensamento, apreendida pela reflexão, caracterizada em seus componentes. Situada em uma reflexão sobre as condições necessárias para a construção de uma epistemologia da narrativa, esta diferenciação entre “conteúdo da experiência” e “efeitos experimentados no curso da experiência” constitui uma “lacuna explicativa” (ZAHAVI, 2015, p. 80). Assim, a diferenciação produzida por Dilthey (1910/1988) entre “explicar” e “compreender” é questionada de forma singular: “Por um lado, estamos lidando com funções cognitivas, que aparentemente podem ser explicadas de forma redutora, enquanto, por outro lado, estamos lidando com um conjunto de qualidades experienciais que parecem resistir a esta explicação redutora” (ZAHAVI, 2015, p. 80). Levar em conta a lacuna explicativa no campo da narração da experiência nos leva a questionar os regimes e processos narrativos que permitem explorar os conteúdos da experiência (ações, pensamento, reflexão) mas também os efeitos experimentados no contato com estes conteúdos (impressão, sensação, percepção), assim como as repercussões destes efeitos no curso da vida do sujeito (propagação dos efeitos ao longo do tempo, em escala biográfica).

O “problema fácil” da experiência ao longo da narração

Narrar a experiência já vivida a partir dos seus conteúdos solicita a “memória refletida” do sujeito. Esta dinâmica de rememoração permite expressar em palavras áreas de experiência relacionadas com a vida intencional do sujeito (neste caso, o narrador). De fato, a experiência sedimentada na memória, que pode ser apreendida e capturada diretamente, está associada à vida intencional. De acordo com esta perspectiva, os conteúdos da experiência constituem “um conjunto de dados da experiência retidos pelo sujeito no presente vivo e que podem ser capturados pelo pensamento no pensamento posterior”. Estas memórias sedimentadas estão assim disponíveis para um trabalho de reflexão, exame ou análise sem a necessidade de evocar

ou despertar a memória. O acesso a estes conteúdos da experiência durante a atividade narrativa não apresenta nenhuma dificuldade significativa pelas seguintes razões: os elementos retidos e mantidos na memória estão associados à esfera da vida intencional. Assim, o que é retido pode ser associado a uma trama explicativa que mantém relações causais já constituídas. Este regime explicativo da narração está, de alguma forma, disponível para o discurso. Assim, o narrador seleciona, durante a narrativa, os elementos que compõem a experiência vivida encaixam-se em um esquema causal, ajudando a situar a narrativa entre descritivo e o explicativo. Assim, para este tipo de narração, os conteúdos da experiência capturados para compor a narrativa são elementos que foram percebidos e retidos no presente vivo, especialmente porque interferiram nos objetivos e na intencionalidade do sujeito: elementos que são facilitadores ou que dificultam, dados associados aos horizontes da expectativa...

O questionamento desta esfera da vida intencional durante a atividade narrativa orienta a expressão em palavras para um regime particular: da narração da dimensão refletida da experiência, em detrimento das dimensões pré-refletidas (PETITMENGIN, 2010) ou não percebidas da experiência vivida (FONTAINE, 2010). De acordo com esta perspectiva, as dinâmicas estruturantes da atividade narrativa são regidas por esquemas explicativos que procedem a expressão em palavras das relações causais tidas como verdadeiras. Este tipo de narração é o resultado de um trabalho de configuração destinado a manter atrelados diferentes elementos percebidos no decorrer da experiência pelo fato deles terem participado ou, ao contrário, restringido a dinâmica intencional do sujeito. Esta centralização da percepção na esfera da intencionalidade é o resultado da tendência descrita por Bégout através da noção de habituação: “Quando o hábito começa a se instaurar, a potência diretiva desta instauração original delinea a estrutura na qual as experiências repetidas adquirem um caráter típico e conhecido” (BEGOUT, 2005, p. 356). Assim, a vida intencional tem o efeito de disciplinar o mundo a fim de “cotidianizá-lo”: “O mistério da ‘cotidianização’ reside, assim, inteiramente neste mecanismo obscuro do hábito, que mina o desconhecido e aumenta o que já foi visto” (BEGOUT, 2005, p. 353). Este trabalho incessante de domesticação tem o efeito de configurar modos de percepção, definir um centro e horizontes que caracterizam os contornos, prefigurar a narrativa e configurar as suas estruturas (DELORY-MOMBERGER, 2010).

Do ponto de vista narrativo, o “problema fácil” da experiência é assim caracterizado por processos de redução através dos quais a captura da experiência para colocá-la em palavras e narrá-la permanece contida dentro das dimensões esperadas, percebidas e assim percebidas da experiência vivida. De um ponto de vista narrativo, estes processos de redução podem parecer necessários. Tendo em vista a complexidade dos fenômenos vivenciados pelo sujeito no

decorrer do presente vivo, a narração deve proceder por meio de formas de “redução” (VERMERSCH, 2003). A narração da experiência vivida a partir da esfera da intencionalidade deriva então de uma dessas formas de redução. Ela incorpora, no entanto, o que Bachelard chama de “abordagem substancialista”:

O obstáculo substancialista, como todos os obstáculos epistemológicos, é polimórfico. Ele é composto pela reunião das intuições mais dispersas e até mesmo as mais opostas. Por uma tendência quase natural, a mente pré-científica bloqueia sobre um objeto todos os conhecimentos acerca do seu papel, sem lidar com a hierarquia de papéis empíricos. Ela une diretamente à substância as várias qualidades, tanto uma qualidade superficial como uma qualidade profunda, tanto uma qualidade manifesta, quanto uma qualidade oculta. (BACHELARD, 1938/2004, p. 97)

O “problema fácil da experiência” pode, portanto, ser questionado em dois ângulos: o dos processos de redução que resultam de formas tácitas de seleção quanto ao conteúdo da experiência; e o da cegueira relativa quanto aos fenômenos que se afastam dos horizontes da vida intencional. Essas dimensões problemáticas da experiência têm por natureza questionar as teorias e os dispositivos que procuram apreender e/ou compreender a expressão narrativa da experiência pelo sujeito, sejam eles de orientação biográfica, sejam eles de explicação da experiência (VERMERSCH, 2000) ou de análise das práticas. Abre-se assim um espaço interessante para o diálogo e a pesquisa para pensar as formas de investigação que solicitam experiência nos campos da educação de adultos (LAINE, 2004), da análise do trabalho (THIEVENAZ, 2019), da análise da atividade (BARBIER, 2017; BARBIER e DURANT, 2017), da didática profissional e das teorias sobre processos de conceitualização em ação (PASTRE, 1999). De fato, superar a “lacuna explicativa” implica olhar para as dimensões da ação intencional que se dão segundo uma modalidade perceptiva difusa na escala da vida sensível. A questão que se coloca, considerando o “problema difícil” da experiência, diz respeito ao perímetro das dimensões levadas em conta para a expressão e narração da atividade, uma tensão dialética que pode ser estabelecida entre o tipo de dados apreendidos pela atividade narrativa e as formas de conhecimento que podem resultar dela, seja este conhecimento em primeira, segunda ou terceira pessoa.

O « *hard problem* » da experiência: trazer à linguagem as esferas sensíveis do vivido

O problema difícil da experiência começa, no âmbito da narrativa, quando o narrador procura ir além da descrição dos “conteúdos da experiência” associados à vida intencional para integrar nesta narração as dimensões relativas da vida sensível que são dadas a viver de forma

não voluntária (RICŒUR, 1950/2009). Estas dimensões são de certa forma colaterais à vida intencional do momento presente, e primordiais pelo fato de constituírem o terreno a partir do qual o sujeito habita o mundo e vive as situações. Concretamente, referimo-nos aos atmosfera vivida nos espaços, dentro dos coletivos, no seio das relações e nas trocas interpessoais... São consideradas também as formas pelas quais as experiências se dão e que impregnam o vivido de maneira difusa, tais como percepções de confiança, os sentimentos de familiaridade (ou de estranheza), que não são nem decididos, nem escolhidos. Estas dimensões são recebidas e experimentadas, às vezes submetidas, às vezes percebidas, tal como um dado “meteorológico”. Assim como se percebe pela manhã que o clima está ameno ou não, se está frio, seco ou úmido, assim os dados sensíveis são percebidos da mesma forma: a atmosfera é favorável ou estressante, a situação é complexa ou fácil, estou confiante ou inseguro...

O fato, por exemplo, de eu me sentir confortável e entusiasmado quando entro em uma sala de aula no Brasil diante de cinquenta alunos, em um prédio, no décimo segundo andar, considerando que eu mal conheço as pessoas, não é o resultado de uma escolha, uma intenção particular, uma vontade construída. Com relação a este exemplo, não seria correto dizer, contudo, que decidi adotar uma postura entusiasta e confiante para dar o meu curso. Uma maneira mais precisa de descrever este fenômeno experimentado é a seguinte: “Sou levado a agir em função da situação que se apresenta para mim, que é preenchida de entusiasmo, o que me faz sentir confiante”. A diferença a priori infinitesimal entre estas duas formulações a seguir - “Eu ajo com confiança” (1) e “Eu sou levado a agir pela situação, a qual me faz experimentar percepções de confiança” (2) - é, no entanto, “continental”. De fato, há uma mudança maciça entre expressar a experiência vivida com base na intencionalidade e na vontade de agir do sujeito e estar interessado na junção sujeito-situação e, com isso, procurar descrever e narrar os processos de ação (VARELA, 1976-2001/2017), suas qualidades e interfaces (GIBSON, 1979). É precisamente este deslocamento que nos leva ao “problema difícil” da experiência. É teoricamente difícil para o sujeito descrever e narrar fenômenos dos quais ele é o agente passivo e que se mostram a ele através de formas que podem ser intensas ou difusas, repentinas ou silenciosas. Expressar em palavras estes fenômenos experienciados requer um ou mais dos métodos discutidos na próxima seção.

Fenomenologia experiencial e os modos pelos quais a experiência vivida se dá

Se a apreensão da experiência a partir dos seus conteúdos constitui o que tem sido chamado de “problema fácil”, é por comparação com a dificuldade em acessar as dimensões da

experiência que são, inicialmente, recebidas e percebidas sem serem notadas. Como é possível, de fato, trazer à linguagem as dimensões de experiência que são vividas sem serem notadas e que se referem a “vida passiva” ao invés da “vida intencional”? Os desafios relacionados a esta questão são substanciais. De fato, o trabalho de diferenciação entre as dimensões passiva e intencional da existência mostra-se necessário para a clareza do nosso argumento. Estas duas dimensões na realidade estão entrelaçadas. A tese defendida por Bégout sobre a “genealogia da lógica” nos leva antes a considerar que a vida passiva e as dimensões sensíveis que a constituem são o terreno a partir do qual a vida intencional e seus processos de raciocínio lógico são construídos. Assim, deste ponto de vista, o acesso ao sensível e sua apreensão através da linguagem com vistas a um trabalho de descrição fenomenológica e/ou narração biográfica parece ser um meio de ampliar os campos de investigação da experiência vivida. Entretanto, estes objetivos de conhecimento e compreensão da experiência em suas dimensões fenomenais e experienciais encontram rapidamente obstáculos de ordem metodológica e prática.

Uma delas é a seguinte: a atividade narrativa parece incapaz de integrar a um texto ou a um discurso a esfera da experiência vivida não governada pela intencionalidade, pois a mesma não se constitui em “conteúdo de experiência” do ponto de vista do sujeito. A fim de examinar a experiência vivida em nível experiencial, torna-se necessário adquirir um “aparato metodológico” que permita sua descrição e depois sua narração, em primeira ou segunda pessoa. É aqui que o trabalho da fenomenologia de Husserl, e mais precisamente um dos ramos atuais da chamada fenomenologia “prática” ou experiencial (DEPRAZ, 2012) abre perspectivas de exploração que são de interesse para nosso estudo. O que está em jogo?

O desafio em estruturar abordagens que permitam a análise das dimensões experienciais da atividade perceptiva que permanecem não tematizadas pelo sujeito, tendo em vista a centralidade “natural” deste último nos objetos percebidos em relação aos horizontes de expectativa e às estruturas de antecipação que governam a vida intencional. Pode-se, então, ver um campo singular de pesquisa tomando forma: o da possibilidade de captar através da linguagem as formas pelas quais a experiência se dá e os efeitos experimentados, de acordo com diferentes aspectos: ao que “eu” sou sensível (processo afetivo), ao que “eu” estou atento (dinâmica atencional); o que digo a mim mesmo quando percebo, delibero, decido (processos cognitivos e linguísticos); o que espero e antecipo (dinâmica temporal)... E através da fenomenologia descritiva (DEPRAZ, 2014), as perspectivas de pesquisa abrem-se para uma “ciência da experiência vivida” (PETITMENGIN et al., 2015). Este trabalho de descrição pode então focalizar os processos de ação, a atividade de percepção, os modos pelos quais a situação se apresenta, as impressões e sentimentos vividos... Ele assume formas de “conversão do olhar”

que permitem o acesso às esferas de experiência relevantes para a vida sensível: “Os movimentos da consciência podem ser analisados de acordo com várias dimensões: objetivo e mudança de direção; grau de foco/dispersão; modo de tomar/prender/liberar” (VERMERSCH, 2012, p. 223). Estes processos característicos da descrição microfenomenológica envolvem a “varredura” da experiência através da captura de experiências singulares de curta duração, a fim de permitir a redação detalhada¹ destes aspectos.

Impacto dos efeitos vividos, memória passiva e narração biográfica

O “problema difícil” da experiência diz respeito, segundo a nossa proposta, ao conjunto das dimensões da experiência que se apresentam para serem vividas sob a forma de uma oferta experiencial que constitui a “memória passiva” (HUSSERL, 1926/1998). A consideração destas dimensões experienciais e fenomenais é de uma natureza susceptível de transformar a atividade narrativa, permitindo a reflexão e a expressão em palavras de dimensões de experiência pré-refletidas e não-tematizadas pelo narrador. Este ponto é susceptível de esclarecer o significado e o lugar dado ao termo “experiencial” no campo da narrativa e das ciências da educação e da formação. Vários trabalhos desenvolveram uma abordagem crítica a esta noção e seu uso é considerado extensivo (LOCHARD, 2007). A noção é, na verdade, utilizada para caracterizar diferentes aspectos ou processos: os “aprendizados experienciais” (BALLEUX, 2000), “saberes e aquisições experienciais” (JOUET et al., 2010; BRETON, 2017), “formação experiencial” (PINEAU, 1991).

Integrar o “experiencial” no curso da narrativa com o objetivo de empreender uma formação de si, de compartilhar experiências dentro de grupos de formação de adultos, em equipes e coletivos de trabalho pode ser baseada em uma descrição dos aspectos do que é vivenciado durante momentos específicos. Este é inclusive um dos objetos da fenomenologia experiencial: acompanhar a narração da experiência a partir das dimensões sensíveis, experiências do corpo, processos inferenciais, ativação da atenção... A descrição de esferas da experiência permite, com isso, compreender em escala granular e micro processual os processos que contribuem para as sínteses que produzem os efeitos do ambiente, os sentimentos de familiaridade ou de pertença, as dimensões graduais do sentimento de confiança... Estes elementos também podem ser historializados, colocando em perspectiva sua durabilidade e suas

1. Sobre este aspecto, o leitor poderá consultar tanto o artigo de C. Petitmengin (2010), « La dynamique pré-réfléchie de l’expérience vécue » (A dinâmica pré-refletida da experiência vivida), publicado na revista ALTER; quanto o artigo « Description et vécu » (Descrição e experiência vivida) de Pierre Vermersch, publicado na revista online *Expliciter* (n° 89, março 2011).

repercussões sobre a duração da história de vida. Assim, a passagem da análise detalhada da experiência de momentos específicos - que caracteriza o regime de descrição fenomenológica - para o da apreensão dos fenômenos ao longo do tempo - que caracteriza o regime de narração biográfica - torna possível a análise e a compreensão das repercussões dos efeitos relativos às transformações dos modos de estar nos lugares, do sentimento de integração em equipe, de confiança mútua com os colegas ou dentro da unidade conjugal e familiar.

Assim, a apreensão dos processos de formação através da experiência ou, mais precisamente, da formação experiencial pressupõe um interesse tanto pelo que se vive no presente vivo (ou seja, na agentividade do sujeito e nos efeitos experimentados no imediatismo), quanto pelas repercussões desses efeitos experimentados a longo prazo. Esta dinâmica do desdobramento dos efeitos vividos é sublinhada já em 1991 por Pineau quando ele define a formação experiencial como um processo durante o qual a experiência vivida produz efeitos de transformação de modos de existência que começam com uma evolução dos modos de ver e que se realiza através da narração: “uma formação através do contato direto, mas reflexivo” (PINEAU, 1991, p. 29). De acordo com esta proposta, a formação experiencial começa em momentos significativos e salientes da trajetória, os efeitos experimentados durante esses momentos permanecem ativos ao longo do tempo e produzem efeitos nos modos de ser, modos de agir, modos de pensar ou narrar a jornada de cada um. Para compreender a influência das experiências marcantes no curso da vida, faz-se necessário colocar em palavras a dinâmica das repercussões desses momentos nos modos de ser, de dizer e de fazer (DE CERTEAU, 1990). É exatamente através da narração que o desenvolvimento de um efeito pode ser apreendido em seus ritmos, a partir de processos de repetição, de saturação ou de acumulação.

É o propósito das abordagens narrativas que exigem a expressão da experiência ao longo do tempo, na escala dos períodos da vida (PINEAU; LEGRAND, 2019), ou mesmo da extensão da existência, para tentar compreender estes processos de ressonância da experiência vivida durante momentos específicos, mas também a partir das dimensões processuais que evoluem com o tempo, silenciosamente, até que o acúmulo de efeitos produza as transformações e metamorfoses transformadoras do curso da vida (ALHADEFF-JONES, 2020). Estas pesquisas podem ser realizadas em primeira pessoa, no âmbito de dispositivos de formação (LAINE, 2004) envolvendo adultos formação e autoformação (PINEAU e MARIE-MICHELE, 1984). Podem também ter como objetivo caracterizar os processos narrativos em ação durante o trabalho biográfico (BAUDOUIN, 2010) ou os processos de biografização do ponto de vista científico e social (DELORY-MOMBERGER, 2005). Estas diferentes correntes têm em comum o trabalho de narração biográfica a partir de uma passagem: da experiência à linguagem.

Isto pressupõe apreender a experiência levando em conta tanto a agentividade do sujeito, quanto a esfera de passividade que caracteriza as dimensões receptivas da experiência vivida, apreendendo estes fenômenos ao longo do tempo (DEMAZIERE, 2007) de forma dinâmica, pensando nas interações entre as esferas da vida adulta (KOHLI, 1989).

Em síntese

Ao diferenciar a dimensão reflexiva da experiência que associamos ao domínio da vida atencional (e que denominamos “o problema fácil” da experiência), e depois ao caracterizar as dimensões receptivas e passivas da experiência que associamos à vida passiva (e que denominamos “o difícil problema da experiência”), procuramos questionar o “terreno experiencial” que subjaz à narração e assim tirando o paradigma narrativo da “lacuna explicativa”. De fato, se for possível considerar como Ricœur que a experiência humana tem uma dimensão pré-linguística – “A experiência pode ser dita, ela pede para ser dita. Trazê-la à linguagem não é transformá-la em outra coisa, mas, ao articulá-la e desenvolvê-la, ela torna-se ela mesma” (RICŒUR, 1986, p. 62) - sua passagem à linguagem pressupõe orientar os atos de apreensão da experiência vivida, diferenciando ou agregando as dimensões intencionais e receptivas da experiência vivida no curso da narrativa.

Estes trabalhos sobre a “epistemologia narrativa” (BRETON, 2020) devem permitir enfrentar com lucidez as questões e interrogações sobre este paradigma de “narração da experiência vivida nas ciências humanas e sociais”, a partir do qual Bachelard resume uma das críticas mais duras quando denuncia “uma filosofia fácil que se baseia em um sensualismo mais ou menos franco, mais ou menos romantizado, e que afirma receber suas lições de um dado claro, definido, seguro, constante, sempre aberto” (BACHELARD, 1938/2004, p. 23). A proposta feita para este artigo foi a de desfocar o olhar sobre o “conteúdo da experiência” (sem perdê-lo de vista, entretanto) a fim de investigar os modos pelos quais a experiência se dá e que são regidos pelas estruturas de percepção (1) e as estruturas narrativas (2) que prefiguram os modos de dizer, de contar a si mesmo, que organizam os elos causais e evidenciam a plausibilidade da narrativa de si. Se viver implica narração (BRUNER, 1986) e se as narrativas são tanto o meio como os traços desta evolução (FRUTEAU DE LACLOS, 2016), a pesquisa narrativa e seus regimes - oscilando entre a descrição fenomenológica e a narração biográfica - contribuem para a compreensão das dinâmicas da formação e de edificação do conhecimento, seja em primeira, segunda ou terceira pessoa.

REFERENCIAS

- ALHADEFF-JONES, Michel. Explorer l'inconscient rythmique dans les pratiques d'histoire de vie en formation. **Éducation permanente**, v. 222, p. 43-53, 2020. Disponível em: http://www.education-permanente.fr/public/articles/articles.php?id_revue=1763&id_article=2873 Acesso em 30 nov. 2020
- BACHELARD, Gaston. **La formation de l'esprit scientifique**. Paris : Vrin, 1938/2004.
- BALLEUX, André. Évolution de la notion d'apprentissage expérientiel en éducation des adultes : vingt-cinq ans de recherche. **Revue des sciences de l'éducation**, XXVI, n. 2, p. 263-285, 2000. Disponível em : <https://www.erudit.org/fr/revues/rse/2000-v26-n2-rse367/000123ar/> Acesso em 30 nov. 2020
- BARBIER, Jean-Marie. **Vocabulaire de l'analyse de l'activité**. Paris : Presses universitaires de France, 2017.
- BARBIER, Jean-Marie ; DURANT, Marc. **Encyclopédie d'analyse des activités**. Paris : Presses Universitaires de France, 2017.
- BAUDOIN, Jean-Marie. **De l'épreuve autobiographique**. Berne : Peter Lang., 2010.
- BEGOUT, Bruce. **La découverte du quotidien**. Paris : Allia, 2005.
- BITBOL, Michel. Une science de la conscience équitable. L'actualité de la neuro-phénoménologie de Francisco Varela. **Intellectica**, v. 1, n. 43, p. 135-157, 2006. Disponível em : https://www.persee.fr/doc/intel_0769-4113_2006_num_43_1_1340 Acesso em 30 nov. 2020.
- BRETON, Hervé. Interroger les savoirs expérientiels *via* la recherche biographique. **Le Sujet dans la Cité**, Actuels v. 6, p. 25-41, 2017. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-sujet-dans-la-cite-2017-1-page-23.htm> Acesso em 30 nov.2020.
- BRETON, Hervé. (2020). L'enquête narrative, entré durée et détails. **Éducation permanente**, n. 222, p. Disponível em: http://www.education-permanente.fr/public/articles/articles.php?id_revue=1763&id_article=2872 Acesso em 30 nov. 2020.
- BRUNER, Jérôme. **Culture et modes de pensée. L'esprit humain dans ses œuvres**. Paris : Retz, 1986.
- CHALMERS, David. Facing up to the problem of consciousness. **Journal of Consciousness Studies**, v. 2/3 200, p. 1-27, 1995. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ShQwFWnOcwUJ:consc.net/papers/facing.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d> Acesso em 30 nov. 2020.
- DE CERTEAU, Michel. **L'invention du quotidien. Tome 1 : Arts de faire**. Paris : Folio ; 1990

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Histoire de vie et recherche biographique en éducation**. Paris : Anthropos, 2005.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **La condition biographique. Essai sur le récit de soi dans la modernité avancée**. Paris : Téraèdre, 2010.

DEMAZIERE, Didier. Quelles temporalités travaillent les entretiens biographiques rétrospectifs ? *Bulletin de météorologie sociologique*, 93, 5-27, 2007.

DEPRAZ, Natalie ; VARELA, Francisco ; VERMERSCH, Pierre. **À l'épreuve de l'expérience**. Bucarest : Zénith, 2011.

DEPRAZ, Natalie. **Comprendre la phénoménologie. Une pratique concrète**. Paris : Armand Colin, 2012.

DEPRAZ, Natalie. Qu'est-ce qu'une phénoménologie en première personne ? Premiers pas vers une lecture et une écriture expérientielle (LEE). In DEPRAZ N. (dir.). **Première, deuxième, troisième personne**. Bucarest : Zeta Books, p. 118-147, 2014.

DILTHEY, Wilhelm. **L'édification du monde historique dans les sciences de l'esprit**. Paris : CERF, 1910/1988.

FONTAINE, Philippe. Le concept phénoménologique d'horizon chez Husserl et Merleau-Ponty. **Cahiers philosophiques**, v. 87, p. 9-31, 2001. Disponível em : <https://cahiersphilosophiques.hypotheses.org/> Acesso em 30 nov. 2020.

FRUTEAU DE LACLOS, Frédéric. Pour une *epistemology* française. Souriau et la connaissance du sens commun. **Revue de métaphysique et de morale**, v. 90, p. 177-191, 2016. Disponível em : <https://www.cairn.info/revue-de-metaphysique-et-de-morale-2016-2-page-177.htm> Acesso em 30 nov. 2020

GIBSON, John. **The theory of affordances. The ecological approach to visual perception**. Boston : Houghton Mifflin, 1979.

HUSSERL, Edmund. **De la synthèse passive**. Grenoble : Jérôme Million, (1926/1998).

JOUET, Emmanuelle ; FLORA, Luigi ; LAS VERGNAS, Olivier. Construction et reconnaissance des savoirs expérientiels des patients : note de synthèse. **Pratiques de formation – Analyse**, v. 58-59, p. 13-94, 2010. Disponível em : <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00645113> Acesso em 30 nov. 2020.

KOHLI, Martin. Le cours de vie comme institution sociale. **Enquête – Biographie et cycle de vie** [En ligne], v. 5, 1989. Disponível em: <http://enquete.revues.org/document78.html> Acesso em 30 nov. 2020

LAINÉ, Alex. **Faire de sa vie une histoire**. Paris : Desclée de Brouwer, 2004.

LAINING, Ronald. David. **La politique de l'expérience**. Paris : Stock, 1980.

- LOCHARD, Yves. L'avènement des savoirs expérientiels. **IRES**, v. 3, n. 55, p. 79-85, 2007. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-de-l-ires-2007-3-page-79.htm> Acesso em 30 nov. 2020
- PASTRE, Philippe. La conceptualisation dans l'action. Bilan et nouvelles perspectives. **Education Permanente**, v. 139, p 13-35, 1999. Disponível em: Acesso em 30 nov. 2020.
- PETITMENGIN, Claire. La dynamique pré-réfléchie de l'expérience vécue. **Alter**, v. 18, p. 165-182, 2010. Disponível em: <https://hal-cnam.archives-ouvertes.fr/hal-02279882/document>. Acesso em 30 nov. 2020.
- PETITMENGIN, Claire., BITBOL, Michel ; OLLAGNIER-BELDAME, Magali. Vers une science de l'expérience vécue. **Intellectica**, v. 64, p. 53-76, 2015. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/intel_0769-4113_2015_num_64_2_1012 Acesso em 30 nov. 2020.
- PINEAU, Gaston ; Marie-Michèle. **Produire sa vie : autoformation et autobiographie**. Québec, Edilig, 1984.
- PINEAU, Gaston ; LE GRAND, Jean-Louis. **Les histoires de vie**. Paris : Presses universitaires de France, 2019.
- PINEAU, Gaston. Formation expérientielle et théorie tripolaire de la formation. In COURTOIS B. ; PINEAU, G. (dir.). **La formation expérientielle des adultes**. Paris : La Documentation française, 1991. p. 29-40.
- PINEAU, G. Savoirs et rapport au savoir. In BOUTINET J.-P. (dir.). **L'ABC de la VAE**. Toulouse : Érès, 2009, p. 210-211.
- RICŒUR, Paul. **Philosophie de la volonté. 1. Le Volontaire et l'Involontaire**. Paris : Éditions Points, (1950/2009).
- RICŒUR, Paul. **Du texte à l'action**. Paris : Seuil, 1986.
- THIEVENAZ, Joris. **Enquêter et apprendre au travail. Approcher l'expérience avec John Dewey**. Dijon : Raison et Passions, 2019.
- VARELA, Francisco. **Le cercle créateur**. Paris : Seuil, (1976-2001/2017).
- VERMERSCH, Pierre. **L'entretien d'explicitation**, Paris : ESF, 2000.
- VERMERSCH, Pierre. Psycho-phénoménologie de la réduction. **Alter**, v. 11, p. 229-255, 2003. Disponível em : https://expliciter.fr/IMG/pdf/Ap_psycho_pheno_reduction_v3_cath.pdf Acesso em 30 nov. 2020.
- VERMERSCH, Pierre. **Explicitation et phénoménologie**. Paris : PUF, 2012.
- ZAHAVI, Dan. Intentionnalité et phénoménalité. Un regard phénoménologique sur le problème difficile. **Philosophie**, v. 124, p. 80-104, 2015. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-philosophie-2015-1-page-80.htm> Acesso em 30 nov. 2020.

SOBRE O AUTOR:

Hervé Breton

Professor associado em ciências da educação e formação, membro da equipe de Educação, Ética e Investigação em Saúde (EA7505), co-director da revista "Chemins de formation", Presidente da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação (ASIHVIF-RBE). E-mail: herve.breton@univ-tours.fr

 <https://orcid.org/0000-0003-3536-566X>.

SOBRE A TRADUTORA:

Camila Aloisio Alves

Faculdade de Medicina de Petrópolis – Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-3477-0367>

Recebido em: 28 de agosto de 2020
Aprovado em: 22 de outubro de 2020
Publicado em: 01 de fevereiro de 2021